

LIVRO MÚLTIPLO: POR UMA CONCEPÇÃO AMPLIADA DE LIVRO

SILVA, Terezinha Elisabeth da ¹

RESUMO: Descreve a evolução dos processos de transmissão do conhecimento desde a unificação pela escrita até as formas contemporâneas, analisando simultaneamente aspectos relativos aos suportes informacionais. Reflete sobre a necessidade de elaboração de uma nova concepção de livro e de definição da Biblioteconomia em face da mudança do paradigma relativo à transmissão do conhecimento e da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Informação cultural; Conhecimento sensorial.

Passos introdutórios

As elaborações contidas neste artigo são resultado de uma trajetória solitária de pesquisa que se iniciou anos atrás devido a inquietações que uma sensação de retorno da sociedade à informação oral e visual provocava. Inquietação que, aliada à percepção de falta de identidade da Biblioteconomia e a indefinição de conceitos, posturas, enfim, de posicionamento efetivo face à realidade do século XX, provocou perguntas ainda não respondidas: para quê e para quem bibliotecas e bibliotecários se caminhamos para uma realidade virtual e imagética, se a sociedade contemporânea está a exigir a criação de uma escrita baseada em imagens e sons?

Como uma moeda, aquela percepção apresentava duas faces distintas: defender a imagem como principal meio de transmissão do conhecimento no contemporâneo significa minar o campo de atuação biblioteconômico, lugar privilegiado do texto escrito e impresso. A realidade, no entanto, corre favorável à ideia que motivou a pesquisa e desfavorável à Biblioteconomia ortodoxa.

Uma viagem de intercâmbio acadêmico à Inglaterra antecipou a vivência de certas experiências. Naquela época fazer as conexões do que era sentido, em estado de latência e intuitivamente, e percebido no cotidiano cultural do Brasil e da Inglaterra, tornou-se inviável em razão da perplexidade diante da distância dos dois contextos. Instalou-se uma afasia.

¹ Professora do Departamento de Ciências da Informação Universidade Estadual de Londrina

Mas um devir-texto se estabeleceu desde então. Aquele germe se transforma, através deste trabalho, no primeiro registro formal sobre tema tão apaixonante e complexo. Paixão e complexidade que motivam e devem mobilizar para um projeto mais abrangente.

Da diversidade de suportes ao código unificador

Observando o que por convenção nomeamos de períodos ou eras históricas, percebe-se a evolução dos processos culturais claramente associada à realidade de como as ideias viajam e se disseminam, configurando como produto o registro do conhecimento e da cultura, através de processos informacionais.

Encerrando a pré-história, a escrita inaugura uma sociedade que pouco a pouco, suprime formas mais “primitivas” de transmissão do conhecimento. O código escrito é imposto como símbolo de poder e dominação, como forma de exclusão e diferenciação social e cultural. A diversidade de escritas do período denominado Antigüidade é substituída, paulatinamente, durante o processo de evolução e dominação greco-romana, pelo alfabeto romano, hegemônico até os dias de hoje.

A evolução da escrita e dos processos informacionais significa uma racionalização necessária à dominação cultural, econômica e política de uns povos sobre os outros. Neste sentido, a abstração, mesmo se relativa, que exige a escrita pictográfica – desde as pinturas rupestres até os hieróglifos e a escrita cuneiforme, por exemplo – não será mais necessária para representar o código dominador. E a função de comunicação com os deuses, inerente às escritas pictográficas, cede lugar a funções mundanas: administrativas e burocráticas.

O deslocamento do foco cultural do oriente para o ocidente – representado pelos domínios grego e romano – é, utilizando uma expressão ousada, o início do processo de globalização dos povos. Impõe-se o código do dominador como condição de progresso, ou como forma de salvação cultural e espiritual do dominado.

Pari passu à adoção de sistema único de escrita, o suporte informacional, antes diversificado em metais, pedras, papiro, tijolos de argila, passa a se concentrar no pergaminho que, do rolo (*volumen*) evolui para o formato ainda hoje utilizado, o código. Apesar das vantagens de manuseio e armazenagem do formato e de durabilidade do material pergaminho, o código é também sinônimo de dominação cristã que unifica os suportes informacionais.

A chegada do papel à Europa e o surgimento da imprensa de tipos móveis só fazem acentuar a supremacia do códice e da escrita – alfabeto romano – como meio de transmissão cultural. Assim, durante quinhentos anos o livro manteve seu papel hegemônico em relação a outros suportes informacionais e as bibliotecas passaram a ser as depositárias do saber e da cultura, os grandes templos do poder. Inicialmente o poder da Igreja, via bibliotecas monásticas, depois o poder acadêmico representado pelas bibliotecas universitárias. Além de ser restrito aos que decodificam a escrita, o livro-códice se impõe como um instrumento de diferenciação cultural dentro da própria cultura letrada. Livros existem para os que têm acesso ao saber erudito. Livros existem para os que apenas decodificam a palavra, mas não têm acesso ao saber especializado das ciências.

Qualquer pretensão totalizante ou detalhista deve ser desconsiderada em tentativas de percorrer caminho tão longo e complexo como este realizado nos parágrafos anteriores. Mas elegendo alguns focos e fluxos, podemos perceber os filtros e escolhas que vão sendo adotados pela civilização até a chegada a este ponto crucial no final da Idade Média quando, antes mesmo da Revolução Industrial, a imprensa introduz o primeiro produto cultural na era da reprodutibilidade técnica: o livro.

O advento da imprensa marca decisivamente a divisão dos processos culturais em processos da escritura e processos da oralidade, logicamente sendo a escrita a forma dominante, aceita e reconhecida para o acesso ao universo cultural formal.

Assim salvaguardadas as diferenças que se fazem não tanto pela natureza supostamente democrática das sociedades modernas em relação às sociedades pré-industriais, mas, sobretudo, pela imposição da escrita como qualificação necessária ao próprio mecanismo produtivo das sociedades contemporâneas, a escrita persiste de algum modo nesse papel discriminativo (OSAKABE, 1995, p.19).

Não fosse a consolidação dos processos tecnológicos no século XX, a escrita e os impressos talvez pudessem se manter como formas dominantes e formalmente aceitas de transmissão do conhecimento e da cultura. A guerra fria acelera a mudança tecnológica, com ênfase no desenvolvimento da informática e das telecomunicações e a integração mundial pela unificação de todos os sistemas técnicos. Estabelece-se neste contexto, uma tensão entre o mercado da informação em papel e o mercado da informação em suporte eletrônico. A emergência do mercado da informação eletrônica vem minar a posição hegemônica que o livro e outros impressos tiveram ao longo da história.

A sociedade contemporânea inaugura as formas tecnológicas, os novos suportes informático-informacionais, e assim presenciamos um retorno à multiplicidade de suportes. Não mais tijolos de argila, *volumen*, ossos ou pedras, mas a transmissão do conhecimento, até a transmissão formal, acadêmica, via bens simbólicos. Transmissão esta inerente aos bens simbólicos; no entanto, relegada a segundo ou terceiro plano, priorizando-se em seu lugar a contemplação, a fruição da arte e da cultura. Matéria para fruição e contemplação, mas também matéria para o conhecimento do mundo, arte e cultura e que mantém um discurso interno, sem necessidade de intermediação da escritura e da fala. Certeau (1994, p.155) conta que se alguém perguntasse a Beethoven qual era o sentido de uma sonata, ele a tocava de novo. O sentido está em sentir, é a resposta manifesta na atitude de Beethoven.

No ambiente do suporte informacional impresso as bibliotecas mantiveram sua hegemonia, mas o tecnicismo da profissão e do serviço não favoreceu a que a biblioteca se transformasse no espaço potencial de reunião, convivência e reprodução das várias formas culturais e dos vários suportes informacionais. Desta forma, a hegemonia da biblioteca foi a hegemonia do material impresso, uma vez que ela não vem se adaptando para a coleta, organização e disseminação de múltiplos suportes. Apenas timidamente, algumas manifestações da indústria cultural encontraram lugar no espaço formal das bibliotecas.

Mas entender a importância da necessidade de aproximação entre sensorial e racional talvez seja o ponto crucial para adotarmos e aceitarmos os bens simbólicos não-livro – o que a Biblioteconomia denomina de materiais não-bibliográficos, não-convencionais ou multimeios – como os principais suportes do conhecimento no mundo contemporâneo. Para tanto reitere-se o conceito de livro firmado por Arlindo Machado “como sendo todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade, o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os vôos de sua imaginação” (MACHADO, 1993a).

Com este conceito de livro, mais democrático porque vai além da palavra e da escrita, é que entendo deveríamos estar atuando no âmbito da Biblioteconomia, especificamente, e da Ciência da Informação.

Os novos livros

Para exemplificar as ideias ensaiadas neste texto, elejo como foco de demonstração as possibilidades de conhecimento do mundo e de transmissão da informação através de outros referenciais não pertencentes ao universo da escrita e que vão exigir formas diferentes de alfabetização e leitura. Referenciais já incorporados pelas novas gerações, nascidas na multiplicidade. Referenciais que no contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação vão solicitar profissionais preparados para a lida diária com tipos múltiplos de informação, de quebra de rigidez dos códigos ortodoxos. Aproximação entre sensorial e racional.

Dentro da multiplicidade de suportes informacionais e de códigos não-escritos disponíveis podemos destacar o conhecimento produzido pelo cinema, pela fotografia, pela música. Nos domínios do código escrito, mas não necessariamente na forma académica ortodoxa – livros e periódicos científicos –, o conhecimento se produz via informação literária. E no universo da tecnologia da informação, o conhecimento se produz em e através de uma rede ou teia multimídia – mix de formas escrita, visual, sonora.

O livro cada vez mais deixa de ser o vetor de emoção, de sonho e de diversão que era tempos atrás. O papel impresso encontra-se progressivamente relegado à função utilitária de transmissão de informação e divulgação de conhecimentos técnicos ou científicos. O abismo aprofunda-se sempre mais entre o banho cultural midiático e o domínio do saber ou do pensamento, chegando a indicar uma nova ordem da escrita. De um lado, o embalo musical e o fascínio das imagens animadas; de outro, o mundo do papel impresso, que parece cada vez mais cinzento e menos desejável a uma juventude nascida em meio ao espetáculo (LEVY, 1998, p.15).

A informação audiovisual, transmitida principalmente pela televisão e pelo cinema, talvez seja o referencial simbólico mais significativo e acessível na contemporaneidade. A riqueza destes meios é o resultado da combinação de três elementos – imagens, sons e palavras – que produzem um terceiro elemento capaz de provocar todos os sentidos.

A televisão, veículo máximo da indústria cultural é, para muitos, a grande vilã que extermina as culturas locais e particulares, que desestabiliza as relações e vulgariza a informação. Paradoxalmente autoritária e democrática, como reflexo da própria sociedade, é o veículo que introduz efetivamente a globalização informacional. Rápida e fragmentada, cria uma ordem própria: espetacular e especular.

Contraditória, elabora programas pseudo interativos e superficiais onde o espectador opta entre “sim e sim” ou não e não”, ou obras bem acabadas como *Grande Sertão: veredas* ou o *Auto da Compadecida*, para citar alguns exemplos.

Por entendê-la vilã, houve tendência em afastar a televisão do processo educacional. No entanto, o poder de sedução do audiovisual supera o do texto escrito e responde mais rapidamente à aceleração do cotidiano. A televisão cria formas novas de entendimento do mundo, atinge analfabetos e alfabetizados e posiciona no universo informacional indivíduos antes excluídos do sistema da escritura.

O cinema, menos veloz e por natureza mais elaborado que a TV, tem alcance mais restrito, porque, diferentemente daquela, exige a demanda efetiva do espectador que se desloca de casa para ir a uma sala de exibição ou a uma locadora de vídeo. Produto da cultura – arte e indústria – o cinema, como outras linguagens, requer graus diferenciados de alfabetização pois as imagens cinematográficas “são transfigurações/criações estéticas que o cinema opera sobre a realidade, a vida e não podem ser interpretadas como imagens da vida/história tal como ela é ou aconteceu” (ALMEIDA, 1994, p.38).

Arlindo Machado, defendendo uma concepção ampla de livro argumenta que Lacan e Saussure, pensadores decisivos do contemporâneo, deixaram poucos escritos e que Lacan proferiu muitas de suas aulas em programas de rádio e televisão. Nem por isto os dois deixaram de ser decisivos para a ciência.

Quantos livros impressos poderiam rivalizar em originalidade, extensão de pesquisas, profundidade de análise e autoridade científica com séries televisivas como *Ways of seeing: inside the CIA*, *On company business*, *Planet Earth*, *The power of the myth*, *Vietnam: a television story*, *El arte del video* ou a brasileira *América?* (MACHADO, 1993a).

Para alguns, o “perigo” da televisão e do cinema reside na sedução e profusão de mensagens e na impossibilidade de diálogo direto entre a autoria (dispersa por natureza) e o consumidor/espectador. Entretanto, que diálogo estabelecemos efetivamente com o autor de um livro se o texto impresso é monológico, acabado? Diálogos podem ser imaginados, mas os domínios do autor e do leitor são claramente definidos e diferenciados na concepção do texto. “A escrita tende a se auto-satisfazer, pois seu destino parece ser o de deslocar-se do contexto em que foi produzida. O texto escrito não define o seu interlocutor, em função disso, ele se preenche e se totaliza” (OSAKABE, 1995, p.16).

Em seu projeto sensorial, a música, por sua vez, tem capacidade de comunicar e informar conectando-se ao ouvinte mais rapidamente que o texto a seu leitor. *Desordem*, música dos Titãs nos envia, imediatamente, mensagens sobre a condição da sociedade massificada/atomizada e em nada fica a dever a um texto sobre o mesmo assunto. Assim como o texto escrito, a música é lugar de expressão das ideias, mas tem como proposta a fusão de sentidos e razão. Remete o ouvinte a outras músicas, como a citação melódica de *Day tripper* (Beatles) que Gilberto Gil faz na canção *Realce*, regravada em *Unplugged*. Beatles freqüentemente citados por Caetano Veloso como quando em *Maria Bethânia*, ele se refere a *Getting better*. Precisariam os Beatles ter escrito um livro? Desnecessário. A Música (com M maiúsculo) já fala de si em outros tempos, templos, línguas e dialetos, porque “as canções absorvem frações do momento histórico, os gestos e o imaginário, as pulsões latentes e as contradições, das quais ficam impregnadas, e que poderão ser moduladas em novos momentos, por novas interpretações” (WISNIK, 1989, p.199).

Acelerando o processo de ampliação da noção de livro, o mundo se depara com a maior revolução já ocorrida no mercado informacional desde a imprensa: a introdução da tecnologia da informática, seu uso em larga escala e, decisivamente, a Internet. Alteram-se os paradigmas: do papel para o eletrônico, do analógico para o digital, do real para o virtual.

Uma revolução dentro da revolução são os recursos de hipertexto e hipermídia que provocam a leitura não-linear, realizando o livro do sonho de Mallarmé: integral (?), múltiplo (MACHADO, 1993b, p.164).

A Web é aberta e mutante, distribuída e sem centro. É, por concepção, rizomática: distribuída, sem território, desmaterializada (DELEUZE; GUATTARI, 1995). É criação coletiva que se auto-organiza. Por não obedecer à linearidade, é a biblioteca de Babel do Borges visionário: cada texto/hipertexto é constituído de pedaços de outros textos, autores, vozes. Como a biblioteca de Babel, a Internet é infinita e caminhos percorridos dificilmente podem ser refeitos. É heterogênea e mutante, porque a própria natureza digital é mutante.

Informática, Internet, hipertexto, hipermídia impulsionaram Pierre Levy (1998) a pensar na utopia de uma linguagem absoluta, sem intermediações simbólicas, que fosse (ou seja) capaz de resgatar os prazeres da inteligência perdidos em razão do distanciamento do texto escrito.

Os contornos endurecidos que delimitam as áreas do conhecimento estão se desgastando, a despeito da rigidez dos limites acadêmico-burocráticos. Vão se modificando as posturas dicotômicas que classificam e afastam o formal do informal, o senso comum da ciência, a arte da ciência, o oral do escrito. “Nos últimos anos, vem se generalizando em vários campos do conhecimento a suspeita de que as fronteiras, tão categoricamente traçadas no século anterior, entre arte, ciência e tecnologia já não se sustentam com o mesmo vigor” (MACHADO, 1993B, p. 12). Diante de tais circunstâncias, cabe a pergunta: qual o papel da instituição Biblioteca e do profissional bibliotecário em contexto tão diverso àquele para o qual estão (ainda) sendo preparados para atuar?

Intenções de debate

Longe de esgotar os aspectos do livro em sua concepção mais ampla, este trabalho pretende ampliar a discussão sobre a postura da Biblioteconomia em relação aos suportes contemporâneos da informação.

É verdade que a maior parte da população prescinde de bibliotecas, até porque elas não existem ou são precárias. Mais grave seria afirmar que, a prevalecer nosso imobilismo, a instituição tende a desaparecer. Portanto, face à realidade atual, refletir sobre a necessidade de ampliação do conceito de livro implica trazer à tona questões relativas à própria sobrevivência da Biblioteconomia.

Deter informações é, cada vez menos, privilégio da biblioteca e há muito deixou de ser privilégio de bibliotecários organizar e disseminar informações. Informação é um bem – da cultura e do mercado – de produção cada vez mais acelerada independente do suporte. Suportes variados que alteram a função depositária da biblioteca que já teve sua função de disseminadora da informação minada. Para Souza (1997), o papel social e profissional que cabe do bibliotecário “não pode ser reduzido apenas ao de organizador de parcelas de *formas* livro, na medida em que, num mundo de intensificação de fluxos de conhecimento, a ideia de acervos ou bibliotecas locais já não se sustenta mais.”

As tensões que se acumulam no contexto cultural-informacional devem impelir os profissionais da informação a um debate amplo que possa resultar em revisão/definição de conceitos e de identidade da profissão. Antes, porém, é preciso tirar os óculos da ortodoxia.

Finalizando...

Este, como qualquer outro, é um texto inconcluso, a despeito da totalização pretendida pela escritura. Assim, em vez de conclusão, serão pensadas pendências que apontam para continuidades.

Em primeiro lugar, tratar de temas que envolvem o cruzamento de uma rede de complexidades, é correr o risco de simplificações reducionistas, risco assumido e ousado como forma de detonar uma discussão que se pretende mais ampla.

Da mesma forma, defender a necessidade de nos ocuparmos de um conceito amplo de livro, não significa fazer apologia aos meios de comunicação de massa e à tecnologia da informática-informação, tampouco seria prudente advogar a causa do livro impresso, o que parece ser, neste momento repleto de multiplicidades, uma ingenuidade que não se sustenta.

Finalmente, a globalização não conduz automaticamente à democratização. Por isto, outra questão é a que se refere à ideia de democracia/democratização que os meios de comunicação tentam disseminar quando demonstram ou mostram a quantidade de indivíduos conectados ao mundo via televisão e Internet, principalmente. Sem projeto social e educacional estes meios são mais discriminatórios que a escrita. Da mesma forma que o livro convencional, todos os suportes que entendemos como formas amplas de livro, necessitam da intermediação crítica do educador de modo a provocar o exercício da contradição e da pluralidade. Porque, quer queiramos ou não, aceitando ou não, fato é que a indústria cultural e a tecnologia da informação vêm educando, com ou sem intermediação, as gerações criadas no ambiente acelerado.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, José Milton de. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortex, 1994. 110p.

CERTEU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. 351p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v.1

LÉVY, Pierre. **A ideografia dinâmica**: rumo a uma imaginação artificial? São Paulo: Loyola, 1998. 228p.

MACHADO, Arlindo. Códice é o modelo do “livro”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 maio 1993a, Folha Ilustrada

_____. **Máquina e imaginário**: o desafio das poéticas tecnológicas. São Paulo: EDUSP, 1993b. 313p.

MORAN, José Manuel. Influência dos meios de comunicação no conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 23, p. 233-238, maio/ago. 1994-08-04

OSAKABE, Haquira. O mundo da escrita. *In*: ABREU, Márcia (org.) **Leituras no Brasil**: antologia comemorativa pelo 10º COLE. Campinas: Mercado de Letras, 1995. 192p. p. 15-22

SOUZA, Francisco das Chagas de. Formação de bibliotecários para a invenção. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18., 1997, São Luiz. **Anais**. São Luiz: APBEM; COLLECTA, 1997. [CD-ROM]

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1989. 253p.